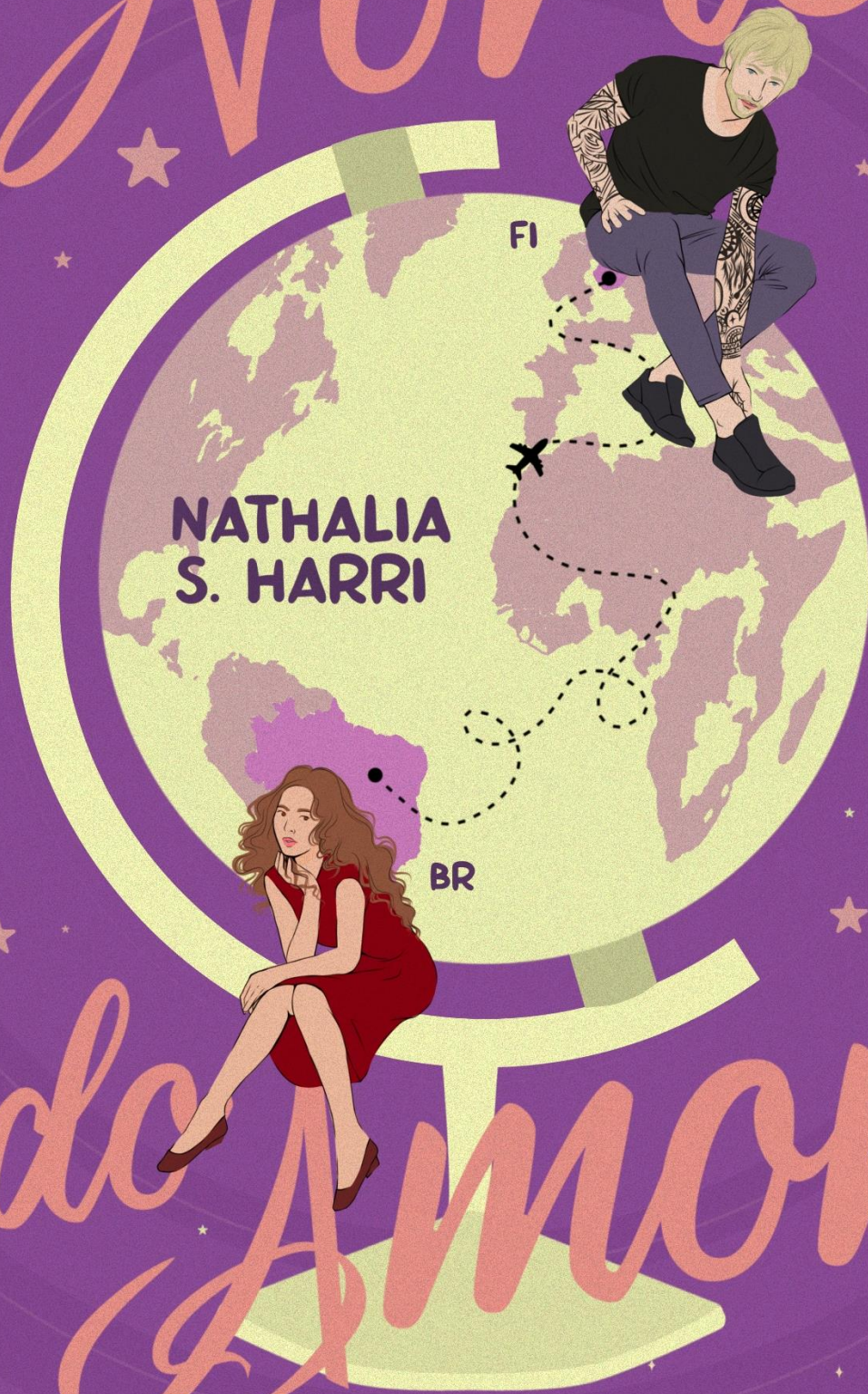


AO
Norte



NATHALIA
S. HARRI

FI

BR

de
Amor

NATHALIA
S. HARRI

do
Fonte
do
mar

Copyright © 2023 de **Nathalia Scacciotto Harri**

Ao Norte do Amor

Nathalia Scacciotto Harri

1ª edição, 2023

www.nathaliasharri.com

@naty.scacci.harri

Capa: Kns Design

Revisão: Júlia de Macedo

Diagramação: Imaginare Diagramações

Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, da autora, exceto pelo uso de citações breves.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Classificação +18: Conteúdo de natureza sexual.

SUMÁRIO

Sumário

Dicionário de pronúncia

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Epílogo

Agradecimientos

DICIONÁRIO DE PRONÚNCIA

Como vocês pediram um dicionário fonético para saber como as palavras e nomes em finlandês que aparecem aqui no livro seriam pronunciados, vocês terão um! Lembrando que, no caso de dificuldade (porque eu tenho que dizer, a língua finlandesa é bem difícil), vocês podem usar o Google Tradutor e escrever a palavra lá para saber como seria pronunciada no finlandês. Nem tudo sai perfeito, mas eu diria que, no geral, funciona bem o bastante.

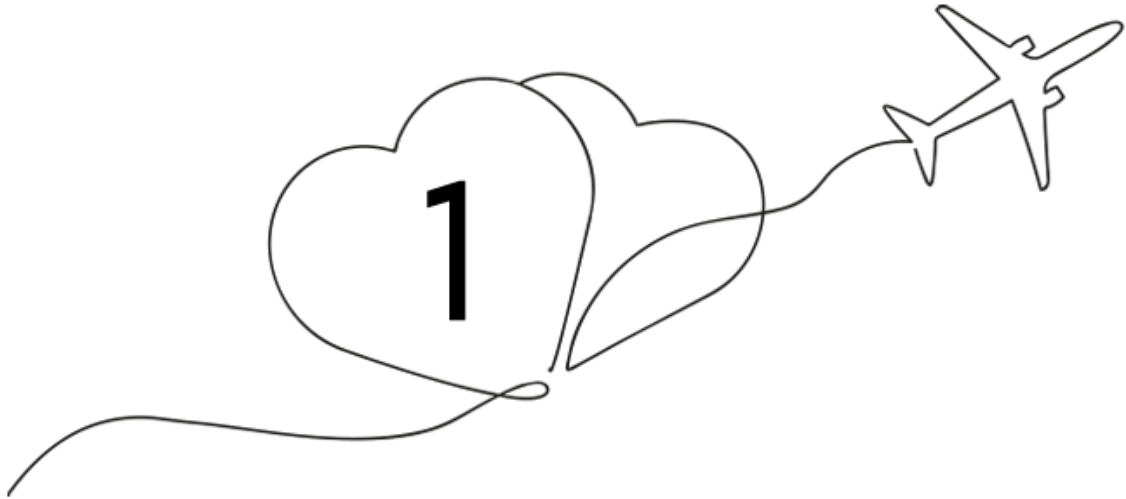
Para começar, vale chamar a atenção para alguns detalhes: no geral, a maioria das letras tem o mesmo som que no português, e por isso a pronúncia pode ser bem intuitiva. Contudo, há algumas letras que tem o som diferente: *h* se pronuncia como se fosse *r*. “*H=rrô*”. O *j* seria algo como *ii* (porém, há um som que acaba perdido, mas que acaba melhor explicado quando usado em uma palavra). O *y* é como se estivéssemos fazendo um biquinho, a gente fala para fora, o som sai da garganta. O *ä* também é como se falássemos para fora; em alguns lugares, definem como um som intermediário entre *á* e *é*. E por último o *ö*, que a ideia é a mesma do *ä*, é um som que se fala para fora e sai da garganta; um som intermediário entre *ê* e *ô*.

Letras duplas são pronunciadas no finlandês, é como um alongamento da letra, e no idioma finlandês, ele faz muita diferença!

Aila - Áila
Aleksanterin - Alêksânterin
Anna - Ânna
Arvi - Árvi
Avanto - Avânto
Britakakku - Britakákku
Esa - Éssa
Eteläpuisto - Étêlapúisto
Fazer - Fátzer
Häme - RRäme
Hämeenkatu- RRämeencátu
Hämeenpuisto - RRämeenpúisto
Harald - RRárald
Haraldin - RRáraldín
Helgan - RRélgân
Hyvää- RRYvää
Ihan - írran
Ja - íá
Jäätyneestä - íäätyneestä
Jarmo - íármo
Jesperin - íésperi
Joo - iôô
Joonas - iôônas
Jotain - iôtain
Joulupukin - iôulupúkim
Juha - iúrra
Juhannus - iurrânus
Karjalanpiirakka - Kariiálanpíirakká
Kasperin - Kásperi
Katri - Kátri
Keidas - Kêidas
Kesä - Késä
Kesäkeidas - Késäquêidas

Kiitos - Kiitôs
Kirkko- Kírkkko
Kirsi - Kírsi
Koskinen - Kósquinen
Koskipuisto - Kôsquipúisto
Kotipizza - Kôtipitza
Lakritsi - Lakrítsi
Laukontori - Láukontôri
Lielahiti - Lielárti
Makeaa - Mákêaa
Mango - Mângo
Matti - Mátti
Meloni - Melôni
Mika - Míka
Mitä - Mítä
Moi - Mói
Mökki - Mökki
Mummo - Múmmo
Munavoi - Múnavôi
Munkki - Múnkki
Munkkikahvila - Múnkkikárvila
Munkkikahvilalle - Múnkkikárvilalle
Mustamakkara - Mústamákkara
Mustikkakeitto - Músticaquêito
Näsinneula - Nässinnêula
Näsipuisto - Nässipúisto
Nina - Nína
Pajakylä - Páiákylä
Pekka - Pékka
Periscope - Periscôpe
Petra - Pétra
Piirakka - Píirakka
Pirkanmaa - Pírkanmaa

Puisto - Púisto
Puuro - Púúro
Pyynikin - Pyynikin
Rakkauspaketti - Rakkauspaquétti
Rillinki - Rillínki
Salmenranta - Sálmenrânta
Salmiakki - Sálmiakki
Sanni - Sânni
Santalahti - Sântalárti
Särkänniemi - Särkänniêmi
Sini - Síni
Sitruunainen - Sítruunáinen
Suklaapuoti - Suclaapúoti
Suzanna - Súzâna
Sydämeistä - Sydämêstä
Tallipiha - Tállipírra
Tallipihan - Tállipírran
Tampere - Tâmpere
Taru - Táru
Tiikerikakku - Tííkerikákku
Toivo - Tôivo
Toppahousut - Tôpparrôusut
Tuomas - Túomas
Viiniä - Víiniä
Viisauden - Vííssauden
Voimakatu - Vôimakátu



Rafaela

Meu almoço não teve nada de especial, fui ao mesmo restaurante que costumava frequentar, com a mesma comida de todos os dias. Às vezes me perguntava por que ia exatamente naquele, já que a fila do self-service era razoavelmente grande, e então peguei meu copinho com gelatina e comi, lembrando que ela era o motivo.

Meu vale-refeição não era ruim, mas também não tinha um limite tão alto, por isso aquela gelatina de graça era meu mundo, servia como uma sobremesa e suco ao mesmo tempo. Tudo bem que era um copinho minúsculo, mas já era alguma coisa. Ela era geladinha e refrescava o bastante no meio do sol escaldante da selva de pedra onde eu trabalhava.

São Paulo precisava urgentemente de mais árvores, porque aquele calor horrível somente piorava refletido em tanto vidro. Na Avenida Paulista, então, era infernal!

Me demorei com a gelatina, mesmo recebendo olhares reprovadores de pessoas que procuravam um lugar para sentar no restaurante lotado, mas, ora essa, aquele também era meu horário de almoço. Eu não só podia, como iria aproveitar cada segundo.

Levantar da minha mesa foi como uma dança das cadeiras para as pessoas que procuravam um lugar, e desejei sorte a elas. Eu mesma tive que correr para conseguir sentar, era muita gente, e mesmo que também houvessem muitos restaurantes, nunca tinha espaço o suficiente.

Caminei tranquilamente de volta para o escritório, passei primeiro no banheiro para me aliviar e me olhei no espelho enquanto lavava as mãos. O calor deixou minha pele clara avermelhada. Mesmo sendo levemente bronzeada, o mormaço, quando muito intenso, me deixava vermelha daquele jeito, e meus olhos castanhos pareciam cansados. Mas com os trinta e dois graus batendo lá fora, não era de se chocar. Estávamos com o pé no inverno, aquela temperatura devia ser impossível!

Meu cabelo castanho estava tão bom quanto poderia, ele era de um ondulado cheio que, se eu não soubesse cuidar, viraria uma juba indomável. Eu precisava ficar de olho para não acabar descabelada no escritório.

Voltei para minha mesa, sentando na cadeira e ligando novamente o computador. Eu era designer visual na Koskinen, uma multinacional no ramo de tecnologia, e não tinha o que reclamar do lugar. Os benefícios e o salário eram bons, e as pessoas, simpáticas. Claro que sempre haveria aquela pedra no sapato, mas eu me mantinha longe *dela* e próxima das pessoas que realmente valiam a pena.

O que não queria dizer que *ela* também fazia isso.

— Rafaela, eu estava dando uma olhada no site e percebi que você não está trabalhando com as cores que a gente discutiu na reunião.

Bruna sempre encontrava um motivo para falar que eu estava fazendo a coisa errada, e eu demorei a entender isso. Mas depois de três anos trabalhando ali, aprendi minha lição.

— Essas são exatamente as cores que escolhemos na reunião — rebati com um sorriso amigável no rosto e tentando não me deixar contagiar por ela.

Ela olhou para a minha tela e depois para mim.

— Esse pêssego que você está usando é muito rosado, tínhamos falado de um tom mais forte, mais voltado para um laranja-escuro.

Pisquei algumas vezes, respirando fundo e mantendo a calma. Depois de entender o jogo dela, eu prometi a mim mesma que não me deixaria estressar por Bruna, porque esse era exatamente o intuito dela. Mas eu aprendi a fazer comentários exatamente do mesmo nível.

— Sim, eu me lembro que você deu a sugestão do laranja, mas lembra que ninguém concordou? Ficamos com pêssego e azul *royal*.

Ela balançou a cabeça e colocou a mão na cintura, era o tipo de pessoa que sempre discordava de tudo. Absolutamente tudo. Para ela, somente suas ideias eram boas, o resto era resto.

— Vou conversar com a Sheila sobre isso!

Ela saiu quase batendo o pé atrás da nossa gerente, o salto anunciando sua passagem. Havia dois departamentos de design na filial de São Paulo, e eu estava quase pedindo para ser enviada para o outro. Aguentar Bruna era quase um castigo.

A cadeira de Ricardo, um amigo do trabalho, deslizou quase imediatamente para o meu lado enquanto ele olhava para a tela do meu computador.

— Ela vai voltar a insistir no laranja?

Revirei os olhos enquanto assentia, e ele segurou a risada.

— Garota sem noção!

Eu estava prestes a concordar quando ouvimos uma porta abrindo, e vimos que era a do chefe. Ricardo rapidamente voltou para seu lugar, me lançando um sorriso de soslaio, ele adorava ver o desfile do CEO ao sair de sua sala.

O corredor que levava ao elevador era de vidro e nosso andar era todo aberto, por isso tínhamos visão completa do escritório. O único lugar fechado era a sala de Joonas, o dono daquilo tudo.

O escritório mergulhava em um silêncio profundo sempre que ele aparecia. Joonas era um homem alto e esguio, seu cabelo era curto e castanho-claro, e seus olhos de um verde tão intenso e brilhante que pareciam ter duas lanternas atrás. Acho que nunca vi um cara tão bonito quanto ele, principalmente naquele terno delineando o corpo perfeito.

Eu tentei não rir diante do olhar fixo de Ricardo em cima dele, meu colega devia ser um dos únicos que não se deixava intimidar pela cara fechada do chefe. Era incrível, mas Joonas estava sempre sério, falava o extremo necessário, e nunca cumprimentava ninguém.

Sabe aquela pessoa que você encontra no elevador, mas não te dá bom dia? Que parece que nem está te vendo ali? Então, essa pessoa era o nosso chefe!

Ele somente atravessava aquele corredor para entrar na empresa, quando saía para o almoço — o que não acontecia sempre —, e quando ia para casa. Esse último, normalmente depois que todo mundo já tinha ido embora.

O ar voltou a circular quando ele sumiu dentro do elevador, e as conversinhas paralelas retornaram. Ricardo suspirou do meu lado.

— Que homem!

Era impossível discordar dele. Que homem!



Tudo o que eu desejava era poder chegar em casa tranquilamente depois de uma segunda-feira de trabalho, mas o universo não concordava comigo. O metrô estava lotado — não que isso fosse novidade, mas nunca era demais torcer para não ser amassada nele —, e o ônibus que eu tinha que pegar depois não somente estava na mesma situação, como também atrasou a saída.

Cheguei em casa suada e cansada, pronta para me jogar na cama.

Claro que não seria tão fácil.

Minha mãe estava na cozinha quando cheguei, dei um beijo rápido nela e me afastei, ela trabalhava na encomenda de um bolo e não me permitia chegar nem perto com o tanto de cabelo que eu tinha. Era uma mulher cuidadosa ao extremo, sempre com sua touca para que nada saísse errado. Ela trabalhava como confeitadeira em uma padaria perto de casa, mas estava sempre pegando encomendas por fora.

— Tudo bem, minha querida?

Dona Helena era mais baixa do que eu, cabelos da mesma cor, mas o tom de castanho de seus olhos era mais claro que o meu. Seu sorriso era sempre bondoso, mas ela não deixava ninguém pisar no seu calo, e podia facilmente se transformar em uma leoa. Porém, com um coração tão grande, era difícil alguém tentar se aproveitar dela.

— Cansada, mas bem. — A resposta padrão.

— Por que não tenta encontrar um emprego mais próximo?

— Porque meu salário é bom, todos os lugares que eu vejo pagam bem menos. Acho que estou disposta a sofrer um pouquinho para ter uma graninha extra.

Ela riu, e eu fui tomar meu banho. A casa em que morávamos era alugada, mas fazia tanto tempo que estávamos ali, que o sentimento era de que o lugar era nosso. Daniel, meu padrasto, vinha trabalhando duro para conseguir juntar um dinheiro e fazer uma oferta para o dono, e também por isso eu não podia simplesmente trocar meu trabalho por qualquer outro.

Obviamente eu queria ajudar, queria que aquela fosse verdadeiramente nossa casa, então eu também estava juntando o que podia para quando ele estivesse pronto para fazer a proposta. Eu complementaria o valor e, assim, as chances de convencer o proprietário a vender.

Fui fazer nossa comida depois do banho, mamãe disse que Daniel chegaria tarde, por isso não teríamos a refeição do restaurante em que ele trabalhava. Há um ano ele foi promovido a gerente, e por isso vinha fazendo dias mais longos.

— De quem é a encomenda?

— Da tia da Maiara — respondeu, concentrada em seu trabalho. — Ela disse que a sobrinha fala tão bem dos bolos, que ela precisava experimentar.

Maiara era minha melhor amiga, aquela para quem eu contava todos meus segredos e que, de volta, me contava os dela. Nos conhecemos no ensino médio, quando eu consegui bolsa em uma escola particular, e nos demos tão bem que nossa amizade perdurava até então.

— É para alguma festa?

— De acordo com ela, é simplesmente porque ela quer.

Ergui a sobrancelha, Mai já tinha comentado que a tia adorava gastar dinheiro com comida, então aquilo fazia sentido. E eu ficava contente porque eu sabia o quanto minha mãe gostava de fazer seus bolos.

Uma mensagem chegou no meu celular no meio da conversa, e quando abri era da Mai.

Maiara: *Cadê você? A aula já vai começar.*

Meus olhos arregalaram, puta merda, eu havia esquecido! Tínhamos marcado uma aula experimental de zumba, e eu tive que convencer minha amiga a participar comigo.

Rafaela: *Eita! Me perdoa, Mai, mas eu esqueci completamente. Estou em casa, acabei de chegar do trabalho.*

Maiara: *COMO ASSIM, RAFAELA?*

Eu sabia que ela ficaria furiosa, Maiara já tinha uma vida de exercícios bem agitada, não precisava incluir aulas de zumba em sua rotina, e o fez por minha causa. Mas naquele dia especificamente eu saí do trabalho me sentindo tão exausta e focada em tomar banho, comer e descansar, que esqueci completamente do que havia marcado com ela.

Rafaela: *Desculpa! Minha cabeça está longe.*

Maiara: *Em plena segunda? Poxa, Rafa, que baita sacanagem. Eu nem queria fazer isso.*

E era mesmo.

Rafaela: *Como posso me redimir?*

Maiara: *Pega a vassoura e voa para cá!*

Rafaela: *Essa foi uma maneira gentil de me chamar de bruxa?*

Maiara: *Eu não gosto de bruxas!*

Ela sumiu logo depois, a aula provavelmente estava começando. Eu precisava reparar meu erro. Compraria uma caixa do chocolate favorito dela — o que significava que era uma marca bem cara e que me causaria uma tremenda dor no bolso, mas ela merecia!

O tempo de terminar a comida foi o da minha mãe finalizar o bolo, e fomos juntas comer na sala e assistir à novela que ela tanto gostava. Descobrir que ela tinha feito uma versão menor do bolo para a gente mostrou que valeu mais do que a pena ficar em casa com ela.



Aquela terça tinha tudo para ser um dia comum, e até às três da tarde, foi. Sheila tinha conversado comigo para não me deixar levar pelas ideias da Bruna e só continuar o que eu estava fazendo, porque estava certo. Eu agradeci, e vi o sorriso de desculpas dela por ter que lidar com uma pessoa tão inconstante.

O projeto daquele site era a prioridade do momento, mas somente seguiu daquele jeito até meu telefone tocar. Atendi normalmente, como fazia nas raras vezes em que ele tocava, mas não esperava que fosse a secretária do Joonas do outro lado, me falando que eu estava sendo chamada para uma reunião.

Gelei um por um momento, repassando não somente o que tinha feito naquele dia, mas semana anterior. Naquele mês.

Atravessei o escritório sentindo minha garganta apertada, os olhos de todo mundo me seguindo, mesmo que disfarçadamente. Dizem que quem não deve, não teme, mas

quem precisa pagar conta teme bastante uma conversa com o chefe. Até mesmo porque ele falava somente com as pessoas necessárias, e eu não era uma delas.

Parei de frente com Rita e sorri para ela, me aproximei um pouquinho, debruçando em sua mesa e sussurrando:

— Devo me preocupar?

Ela escondeu uma risada, olhando para a porta do escritório dele e também inclinando em minha direção.

— Ele só pediu para te chamar, não estou sabendo de nada. Mas ele parece tranquilo, então fique calma e ouça antes de surtar.

Não era muito acolhedor, até mesmo porque o tranquilo dele continuava sendo carrancudo, mas forcei um sorriso e assenti. Ela levantou e bateu na porta, me anunciando, e me ofereceu caminho para dentro. Senti um gelo na espinha quando a porta foi fechada atrás de mim, e encarei meu chefe.

Acho que era a primeira vez que eu o via tão de perto, conseguindo prestar mais atenção nos traços de seu rosto. Ele era realmente um homem bonito. *Demais*, para falar a verdade, e provavelmente nunca teria rugas de expressão, porque parecia que ele só tinha uma.

— Rafaela?

Ele me observava de sua mesa, e só então percebi que estava parada à porta sem falar nada.

— Boa tarde — sorri, sem graça. — Mandou me chamar?

Ele assentiu, indicando a cadeira do outro lado da mesa.

— Sim. Por favor, sente.

Sentei e respirei fundo, eu não tinha feito nada de errado, então não havia motivos para temer aquela conversa. Mesmo que poucas pessoas da empresa tivessem um contato direto com o chefe, aquilo não necessariamente significava algo ruim.

Mesmo aquele sendo o chefe. O de cara fechada. O que nem ao menos cumprimentava as pessoas.

Comecei a suar frio.

— Antes de começar, eu preciso te fazer algumas perguntas. São perguntas pessoais, mas nada muito diferente das informações que já foram dadas à empresa durante a entrevista, tudo bem?

— Claro.

Ele olhou para o computador enquanto continuava a falar comigo.

— Você tem vinte e quatro anos, correto?

— Correto.

— Mora com os pais?

— Uhum.

— Solteira?

Pensei por um instante, perguntas de fato estranhas, mas ok.

— Sim.

Ele assentiu, ainda olhando para seu *desktop*.

— Sua disponibilidade para viajar continua a mesma?

Aquela pergunta me deu um alerta, mas um muito bom. Será que eles me enviariam em alguma viagem a trabalho? Aquilo seria demais!

— Sim, totalmente disponível.

— A qualquer momento e por qualquer período?

— Sim!

Ai, minha nossa!

— Você tem passaporte?

Minha. Nossa. Senhora. A viagem era internacional?

— Tenho. — E eu tinha porque, quando comecei a receber um salário maior, me empolguei e achei que deveria ter o documento para as viagens que eu me daria.

Elas nunca aconteceram, mas eu continuava preparada! E agradecia ainda mais naquele momento. Ele realmente estava me considerando para uma viagem internacional? Aquilo decolaria a minha carreira, sem nenhuma dúvida!

Ele finalmente deixou seu computador de lado e virou a cadeira totalmente de frente para mim, me encarando. Tentei, o máximo que pude disfarçar meu nervosismo. Ele olhava diretamente em meus olhos, e aquilo era intimidador!

— Rafaela, seu currículo é muito bom, e você já demonstrou ter talento no que faz. Sheila vem pedindo por outro gerente de design, e estou disposto a te dar essa posição, que virá com um salário de acordo com ela.

De todas as coisas que eu tinha na cabeça, aquela era a última que eu esperava ouvir. Aquilo estava indo muito bem, e por isso não precisei forçar o sorriso.

— Obrigada — agradei pelo elogio, era ótimo saber que ele gostava do meu trabalho.

Contudo, ele continuava sério.

— Mas, antes que isso aconteça, eu tenho um trabalho especial para você.

Assenti, ansiosa para que ele continuasse. Minha viagem internacional estava ali!

— Todo ano minha família se reúne na Finlândia — começou ele, e apesar de todos sabermos que ele era metade brasileiro, metade finlandês, eu não tinha ideia do motivo de estar me falando aquilo. — Existe um drama entre nós sempre que esses encontros acontecem, e eu estou realmente cansado disso, por isso bolei um plano para que as férias sejam verdadeiramente tranquilas.

Confirmei que estava entendendo, apesar de não estar *realmente* entendendo. Parecia que ele continuaria falando, então somente dei mais tempo.

— Faz anos que meu irmão não apresenta uma namorada à família, cada vez o vejo com uma mulher diferente, mas nunca sério o bastante para apresentar a ninguém. Bem, minha família começou a pegar no pé dele por causa disso. Enchem o saco do coitado a ponto de o infernizar a viagem inteira e criar um clima desconfortável completamente desnecessário.

Falando daquele jeito, não parecia uma família muito acolhedora, para ser bem sincera. Eu nunca apresentei um cara para a minha, era um meio íntimo demais para colocar qualquer um, e nunca fui julgada por isso. Não queria estar na pele do irmão dele.

— Então — continuou —, dessa vez ele terá uma namorada para apresentar, desse jeito ele poderá aproveitar a viagem, assim como eu! Eu não terei que lidar com o mau-humor do meu irmão, nem com o da minha família.

Sorri para ele, mesmo que ainda não estivesse entendendo nada.

— Fico feliz que seu irmão tenha encontrado alguém.

Joonas somente me encarou por alguns instantes, suas sobrancelhas se erguendo levemente.

— Ele não encontrou ninguém.

Franzi o cenho.

— Então como ele vai apresentar uma namorada à família?

Ele me olhou como se fosse óbvio.

— Você será a namorada do meu irmão.

Meu cérebro levou um tempo carregando aquela informação, encaixando como um grande quebra-cabeças tudo o que ele falou desde que coloquei os pés ali naquela sala. Ele estava de brincadeira comigo?

— Me desculpe, mas acho que não entendi.

Ele pareceu respirar fundo, como se não tivesse muita paciência para explicar, mas ele esperava o quê? Ele podia ser meu chefe, mas eu não o conhecia, e a primeira vez que ele falava comigo era para me dizer que eu seria a namorada do irmão dele? Aquela história era absurda!

— Estou cansado desse drama de família, Rafaela, e estou disposto a fazer *qualquer coisa* para pular esse capítulo nessa viagem. Meu irmão precisa estar acompanhado para que todos possamos ter paz, e eu escolhi você para esse papel.

— Eu? Mas por que eu? — perguntei, tentando manter minha voz inalterada. — Eu sou formada em Design Gráfico, e é isso o que eu faço. Não sou atriz para interpretar um papel.

A fungada que ele deu não foi muito animadora.

— Pensei, de fato, em contratar uma atriz, mas tem ideia do quão complicado é isso? Fora que leva tempo, coisa que não temos. Fomos comunicados da reunião em família ontem, e você foi a melhor opção que a urgência me permitiu conseguir.

Olhei chocada para ele, além de ofendida. Ele podia ser meu chefe, mas não queria dizer que eu estava disponível para seu joguinho. Porém, antes que eu tivesse a oportunidade de dizer isso a ele, Joonas continuou.

— É claro que você receberá para isso. Pagarei duas vezes o valor do seu salário, mais as férias que você estará tirando, e não terá que gastar com nada na viagem. Meu irmão sempre foi mão aberta com as chaves de cadeia com as quais se envolveu, o mesmo será feito com você.

Engoli em seco, era muita coisa para assimilar, principalmente a parte em que ele estava oferecendo uma quantia considerável em dinheiro. Contudo...

— Está parecendo que você quer uma...

— Por favor, não diga o que está pensando — interrompeu ele. — Você é uma mulher de honra, ou pelo menos é o que eu espero que seja, e somente por isso estou fazendo essa oferta. Eu a levarei para o meio da minha família, em uma viagem privada para acompanhar meu irmão. Acredite quando digo que sei bem para quem estou fazendo essa proposta.

Ele tinha pesquisado sobre mim? Aquela história, além de estranha, começou a me assustar.

— Me desculpe, mas eu não posso aceitar.

Eu quase vi o dinheiro criando asas e voando para longe, mas eu não podia me vender daquele jeito. Havia limites para tudo.

— Não responda agora, tire o resto dessa semana de folga e pense na minha oferta.

Engoli em seco enquanto minha cabeça caía levemente para o lado.

— Olha, me desculpe mesmo, mas eu realmente não posso aceitar.

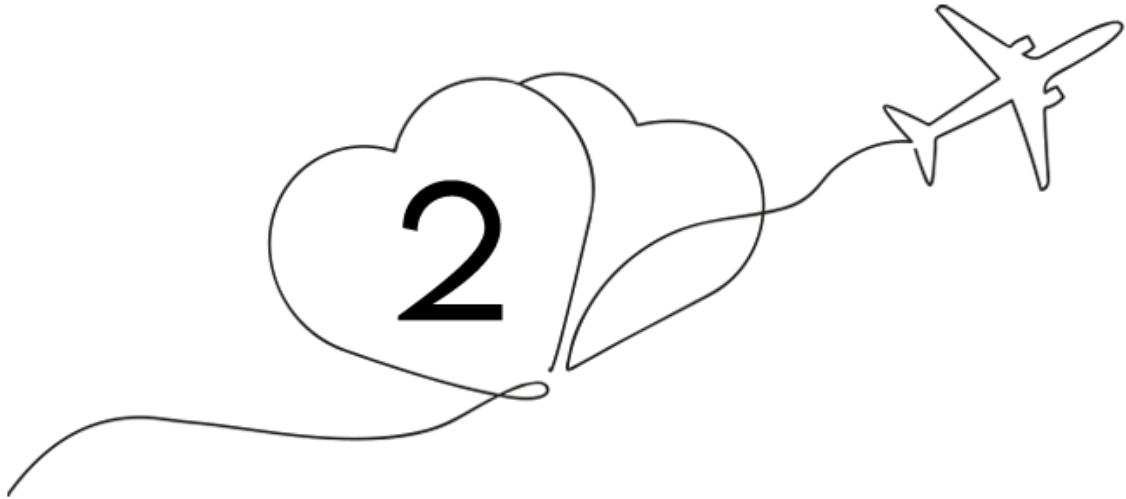
— Como disse, tire essa semana de folga e pense na minha oferta.

Eu estava pronta para rebater mais uma vez, mas então ele completou sua frase.

— Se mantiver sua resposta negativa, não precisa voltar.

Meus olhos arregalaram enquanto ele voltava a olhar para seu computador e recomeçava a digitar. Quando eu continuei ali, ele falou:

— Está dispensada.



Rafaela

— *Que cretino! Ele não pode fazer uma coisa dessas!*

— *Aparentemente, ele pode.*

— *Eu duvido que a lei permita. Onde já se viu ameaçar demitir uma funcionária por não querer fazer algo que não faz parte do trabalho? Brincar de namorada do irmão dele? Que absurdo!*

— *É, mas é ele quem paga meu salário. Se eu quiser que isso continue acontecendo, não terei outra opção.*

Maiara continuava xingando meu chefe do outro lado da linha, liguei para ela assim que cheguei em casa, pois precisava desabafar sobre o dia absurdo que tive. Ela era psicóloga e, para minha sorte, um dos seus pacientes cancelou, então ela pôde conversar comigo para que eu pudesse tirar aquilo do peito.

— *E agora, o que você vai fazer?*

— *Pensei em ligar para algumas empresas amanhã, ver se estão contratando. Vai que aparece alguma outra opção.*

— *É uma boa, assim você pode mandar ele enfiar o emprego no...*

— *Rafa?*

— *Já vou!* — respondi ao chamado de minha mãe. — *Mai, eu preciso ir agora, mas nos falamos novamente depois, ok?*

— *Tudo bem. Vou ver se encontro alguma vaga para você também, duas procurando é melhor do que uma. Te mando tudo o que achar por mensagem.*

— Obrigada, você é um anjo!

Desliguei e fui ver o que minha mãe precisava, descobrindo que ela somente queria saber se eu estava bem.

— Você está abatida desde que chegou em casa, aconteceu alguma coisa?

Se eu contasse para minha mãe, ela com certeza me incitaria a largar aquele emprego e procurar outro lugar, principalmente considerando que ela já achava que eu deveria fazer isso por causa da distância. O problema era que eu precisava ajudar em casa, Daniel estava trabalhando duro para fazer uma oferta no imóvel, se eu acabasse desempregada, ou se meu pagamento fosse para o valor medíocre que as empresas costumavam oferecer, eu não conseguiria fazer muita coisa.

O meu salário era necessário para que o sonho da minha mãe se tornasse realidade e aquela casa fosse dela.

— Está tudo bem, só estou cansada.

— Tire umas férias, você merece um tempinho de descanso.

Sorri para ela, que me olhava sempre com tanto amor e carinho.

— Na verdade, eu estarei de folga essa semana.

Ela parou o que estava fazendo, outro bolo, esse de morango com bastante creme, que um mercadinho encomendou com ela. Seu nome estava em constante ascensão!

— O que está acontecendo, Rafaela? Você chega amuada em casa, se fecha no seu quarto e não faz um pio lá dentro, me diz que está cansada, e então revela que está de folga? Até onde vai minha compreensão, isso deveria ser bom.

Mães... seria sempre impossível esconder qualquer coisa delas?

Ainda assim, eu não podia ceder e contar sobre a proposta indecente do meu chefe. Até mesmo porque, se eu não conseguisse outro emprego, não teria muita opção além de aceitar.

— Acho que estou cansada o bastante para minha cabeça não conseguir entender que estarei em casa o resto da semana.

De fato, aquilo não era ruim. Era terça-feira, eu teria três dias mais o fim de semana para curtir. E encontrar um emprego.

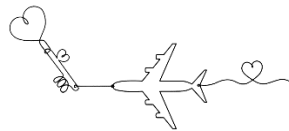
— Por que você não vai tomar um banho e relaxar um pouquinho? Daniel vai chegar tarde de novo, o restaurante está bem cheio.

— Tudo bem, dona Helena, mas não precisa se preocupar tanto.

Ela sorriu e fui para o banho, mas ao invés de relaxar depois, marchei para a cozinha e fiz a janta novamente, sentindo falta da comida que Daniel trazia. Além de ser um trabalho a menos, a cozinheira do restaurante tinha uma mão de ouro.

Comemos e fiquei um pouco na sala com minha mãe enquanto ela assistia à novela, depois fui para meu quarto e me joguei na cama, mas não havia cansaço que conseguisse afastar o turbilhão da minha cabeça. Que tipo de pessoa fazia uma proposta daquelas para a funcionária? E que tipo de pessoa eu seria se aceitasse?

Bufei e rolei mais algumas vezes, tentando acalmar minha mente e permitir que meu corpo descansasse.



Eu estava no apartamento da Mai, há algum tempo ela tinha marcado aquele dia para ser sua folga, e ao invés de descansar, estava me ajudando com as empresas. Eu precisava estar longe de casa para que minha mãe não suspeitasse de nada, eu preferiria que ela não soubesse daquela confusão. Nós encontramos alguns escritórios que ofereciam um salário decente, não era tão bom quanto o meu, mas não me desfalaria tanto.

Tentando mudar um pouco a maneira de abordar a empresa, liguei atrás de informações sobre a vaga e aproveitei para falar da minha formação e experiência. Contra todas as chances, consegui a atenção da maioria delas. Porém...

— Tudo bem, Rafaela, você me convenceu. Vamos marcar uma entrevista?

— Seria maravilhoso! — respondi, empolgada.

— Pode me passar seu nome completo, por favor?

— Rafaela Ferreira.

Houve um breve silêncio.

— Onde você trabalha atualmente, Rafaela?

— Na Koskinen!

O silêncio voltou, e a linha ficou muda.

Que hora estranha de cair a ligação.

Eu retornei para empresa, o telefone tocou, tocou, tocou e parou. Tentei mais duas vezes, mas ninguém atendeu. Aquilo era muito estranho.

Liguei para outra empresa, consegui conversar novamente até arranjar uma entrevista, até que:

— Rafaela Ferreira.

— Atualmente você trabalha onde?

— Na Koskinen.

Silêncio.

— Ah, desculpe, querida, acabaram de me informar que a vaga foi preenchida. Quem sabe da próxima vez? — E desligou.

Eu fiquei olhando para o meu celular com uma pulga atrás da orelha, o que estava acontecendo ali?

Outra empresa, outra conversa agradável, até eu falar meu nome e onde trabalhava.

— Rafaela Ferreira da Koskinen?

Gelei ao receber a pergunta.

— Isso.

Linha muda.

— Para quantas empresas você já ligou? — perguntou Maiara.

— Três.

— E quando a conversa passou de agradável para estranha?

Bufei, não podia ser.

— Depois de falar que eu trabalho na Koskinen.

Maiara sentou na minha frente e ofereceu uma tigela com morango, uva e leite condensado. Peguei uma colherada e deixei o doce do leite condensado batalhar contra minha amargura.

— Não pode ser, Mai!

Ela levantou as mãos, mas a preocupação de seu rosto era óbvia.

— Continue tentando!

E foi o que eu fiz, liguei para várias outras empresas na esperança de que encontrasse outro lugar para trabalhar.



Eram sete horas da noite, eu estava jogada no sofá olhando para o teto, Maiara andava furiosa de um lado para o outro, os braços cruzados.

— Você tem que processar esse canalha!

Era a décima vez que ela dizia isso, e a décima vez que eu suspirava ao ouvir aquelas palavras.

Eu passei o dia todo no telefone, e fora três empresas, as outras demonstraram interesse no meu currículo e experiência, o que me deixou muito animada. Então chegava o momento de marcar a entrevista, perguntavam meu nome completo e onde eu trabalhava, e do nada a ligação caía.

Todas as vezes!

— Como é mesmo o nome do seu chefe?

— Joonas — respondi. — Com dois “os”.

Ela estranhou.

— Por que dois?

— Porque é o nome dele, ué — dei de ombros. Devia ser uma gramática finlandesa.

— Tá — aceitou. — Mas Joonas o quê?

— Koskinen — falei, a raiva me envolvendo ao proferir aquele sobrenome.

Ela mexeu em seu celular por alguns instantes, e então se jogou no sofá ao meu lado.

— Esse aqui?

Olhei e confirmei, o diabo em pessoa!

Maiara suspirou, olhando para mim um pouco mais calma.

— Por que os mais gostosos têm que ser tão cretinos? — perguntou ela, voltando a olhar para o celular. — Que pedaço de mal caminho, minha nossa! — E quando ela virou o rosto para mim e deixou o celular na frente, abaixando somente um pouquinho para me espiar, eu soube que não gostaria de suas próximas palavras. — Conhece o irmão dele?

Eu nem ao menos precisava continuar para saber aonde ela queria chegar.

— Não, e também não me interessa conhecer!

— Mas com um irmão desse aqui, imagina que belo pedaço de carne que esse outro deve ser. — Ela levantou a sobrancelha algumas vezes, e não tive como não rir.

— Quer dizer que agora acha que eu devo aceitar, é?

— Eu não disse isso!

A encarei descrente, e a feição séria que ela tentou fazer começou a se desmanchar. Ela achava que eu devia aceitar!

— Sejamso francas, a proposta dele é realmente uma merda, porque você não tem uma verdadeira escolha, é pegar ou perder o emprego, e isso o torna muito baixo! — afirmou ela. — Por outro lado, ele vai te pagar o dobro do seu salário, você vai voltar promovida e com um aumento garantido. Além disso, ele vai te levar para a Europa com tudo pago, e o que você tem que fazer em troca disso? Fingir ser a namorada do irmão encalhado, que, se tiver metade da gostosura do seu chefe, ainda assim será muito bom. Talvez seja uma experiência interessante. Você vai ganhar umas férias em um lugar bem diferente, porque a gente não ouve muita coisa sobre a Finlândia, não é mesmo?

Respirei fundo, minha amiga tinha alguns pontos interessantes, ainda assim, nada mudava o absurdo pelo qual eu estava passando. Eu estava sendo coagida a aceitar aquela indecência.

— Você parece ter se convencido rápido depois de ver Joonas.

Ela riu.

— Amiga, nós duas sabemos como isso vai acabar, não é mesmo? Ele espalhou seu nome por uma rede bem grande, não teve uma empresa que não te reconheceu. A não ser que você queira mudar sua formação, se isso ajudar, acho que você vai precisar começar a ver o copo meio cheio.

Era surreal sequer pensar em aceitar aquela proposta, mas foi o que eu comecei a fazer. Maiara tinha razão, eu não teria outra escolha se quisesse manter meu emprego, principalmente depois de Joonas ter queimado meu nome.

Provavelmente vendo minha situação, Mai pegou novamente o celular e abriu um largo sorriso.

— Vamos comemorar com pizza.

A olhei de soslaio, as sobrancelhas se juntando em confusão.

— Comemorar o quê?

Ela sorriu de um jeito malicioso.

— Que você vai para a Europa fazer companhia para o irmão do chefe gostosão!

Eu não estava acreditando, aquilo era verdade? Estava mesmo acontecendo? Que droga!

— Aliás, eu tenho um pedido!

— Você quer que eu traga presentes — rebati, certa de que ela diria aquilo.

Maiara assentiu como se aquilo fosse óbvio.

— Eu não esperaria nada menos da minha melhor amiga! — Seu olhar foi incisivo, ela provavelmente tacaria todas suas panelas caras em mim se eu não trouxesse nada para ela. — Mas não é isso o que eu quero.

Bufei.

— Então o que é?

— Que me apresente o chefe gostosão quando voltar!

Eu ri junto com ela, imaginando a explosão de Maiara ao lado da severidade de Joonas. Ou ela drenaria o pouco de energia que ele parecia ter, ou ele a irritaria simplesmente por respirar.